



**EIXO TEMÁTICO:**

- |                                                                      |                                                           |                                                              |
|----------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade                 | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania          |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade                | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |                                                           |                                                              |

## **Itinerários da saúde na Belém colonial e imperial**

*Health Itineraries in colonial and imperial Belém*

*Itinerarios de la salud en Belém colonial e imperial*

SALVADOR MIRANDA, Cybelle (1)

(1) Professora Doutora, Universidade Federal do Pará, UFPA – PPGAU, Belém, PA, Brasil; email: cybelle1974@hotmail.com



## Itinerários da saúde na Belém colonial e imperial

*Health Itineraries in colonial and imperial Belém*

*Itinerarios de la salud en Belém colonial e imperial*

### RESUMO

As instituições de saúde em Belém compõem um importante acervo não só para a História da Saúde e da Medicina, mas por sua Arquitetura que forma conjuntos urbanos de valor histórico e artístico significativo. Devido às aceleradas mudanças nos métodos de tratamento médico, esses entes vem sofrendo alterações que comprometem sua leitura arquitetônica e ameaçam inclusive sua permanência material. O estudo sobre o patrimônio da saúde em Belém permitiu a compreensão dos processos de transformação e expansão urbana da cidade, com destaque para o século XIX. Neste período, com o auxílio de textos publicados em periódicos, Mensagens dos Presidentes de Província e Relatórios da Intendência, traçou-se o panorama das deficiências no cuidado a saúde e as divergências entre a medicina acadêmica e a popular, face às calamidades públicas como as epidemias. Tal situação redundou na adoção de políticas higienistas para a cidade, nos moldes adotados pelas demais capitais brasileiras de então. Do cruzamento com a fisionomia atual dos locais e prédios hospitalares permite-se revelar as perdas/apagamentos, de modo que, nos itinerários propostos, o morador da cidade e o visitante pode se reportar aos vestígios materiais da trajetória de mudanças urbanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartografia de Belém, Patrimônio da saúde, mobilidade

### ABSTRACT

*Health institutions in Belém constitute an important collection not only for the History of Health and Medicine, but for its urban architecture that forms sets of significant historical and artistic value. Due to rapid changes in methods of medical treatment, these entities have undergone changes that undermine its architectural reading and even threaten their material permanence. Study on equity of health in Bethlehem allowed the understanding of the processes of change and urban expansion of the city, especially in the nineteenth century. In this period, with the aid of texts published in journals, Messages of the Presidents of the Province and Reports Stewardship, drew up an overview of the shortcomings in health care and differences between academic and popular medicine in the face of calamities such as epidemics. This situation resulted in the adoption of policies hygienists to town, along the lines adopted by other Brazilian cities of the time. Crossing with the current face of local and hospital buildings are allowed to reveal losses / deletions, so that the proposed routes, the city dweller and the visitor can refer to material traces the trajectory of urban change.*

**KEY-WORDS:** Cartography of Belém, Health heritage, mobility

### RESUMEN

*Las instituciones de salud en Belén constituyen una colección importante no sólo para la Historia de la Salud y Medicina, pero por su arquitectura urbana que forma series de valor histórico y artístico significativo. Debido a los rápidos cambios en los métodos de tratamiento médico, estas entidades han experimentado cambios que socavan su lectura arquitectónica e incluso amenazar su permanencia material. Estudio sobre la equidad de la salud en Belén permitió la comprensión de los procesos de cambio y la expansión urbana de la ciudad, especialmente en el siglo XIX. En este período, con la ayuda de los textos publicados en las revistas, los mensajes de los Presidentes de la Provincia y los Informes de Administración, elaboró un resumen de las deficiencias en la atención sanitaria y las diferencias entre la medicina académica y popular de cara a las calamidades como epidemias. Esta situación dio lugar a la adopción de políticas higienistas a la ciudad, a lo largo de las líneas adoptadas por otras ciudades brasileñas de la época. Cruce con la cara actual de edificios locales y hospitalarios están autorizados a revelar pérdidas / supresiones, de modo que las rutas propuestas, el habitante de la ciudad y los visitantes pueden referirse a los materiales traza la trayectoria de cambio urbano.*

**PALABRAS-CLAVE:** Cartografía de Belém, Patrimonio en salud, la movilidad

## **1. O PATRIMÔNIO DA SAÚDE EM BELÉM**

A pesquisa “Memória e cidade: itinerários da saúde na Belém colonial e imperial” trata do cuidado à saúde do século XVII ao XIX, cuja meta é a descrição dos itinerários da saúde em Belém do Grão Pará nesse período. Como parte deste estudo, neste artigo objetiva-se selecionar a cartografia de Belém, capital do Estado do Pará, produzida nos períodos colonial e imperial, e nela localizar as instituições de saúde existentes.

Para compreender as motivações para a implantação das instituições de cuidado a saúde é necessário investigar as epidemias que assolaram a cidade: “peste das bexigas”, “as febres”, a “cholera”, a “grippe”, “morphea” e a “elephantiasis”, conhecer os métodos de tratamentos, como a população da época reagia a esses acontecimentos, e principalmente para onde recorriam nessas ocasiões. Nesse contexto, foram identificados vários estabelecimentos, a fim de reconhecer que algumas dessas edificações ainda fazem parte da configuração do conjunto urbano de valor histórico e artístico na cidade, apesar de terem sofrido algumas modificações devido à necessidade de adaptações em função de novas técnicas e métodos de tratamento à saúde. Tais intervenções viriam a descaracterizá-las, podendo comprometer a leitura arquitetônica das mesmas, enquanto outras, por sua vez, foram totalmente destruídas e/ou substituídas por não ter o devido valor histórico atribuído a elas.

O método utilizado foi o qualitativo, sendo realizada leitura de textos e estudo da iconografia. Inicialmente foram feitas buscas para a identificação dos estabelecimentos de saúde existentes no período, através de material documental e bibliográfico. Dentre os jornais da época, selecionamos: A Voz do Caixeiro, Correio dos Pobres, Gazeta Official, O Contemporaneo, O Doutrinario I e II, O Echo Independente, O Jornal da Sociedade Phylomatica Paraense, O Monarchista Paraense, O Novo Mundo, O Planeta, O Publicador Paraense, O Tolerante, O Velho Brado do Amazonas, Treze de Maio, Voz do Guajará.

Depois de identificadas as instituições, foram selecionados os principais desenhos cartográficos da cidade de Belém nesse período para a localização dos edifícios onde funcionaram/funcionam essas instituições. As imagens foram recolhidas do CD-ROM ‘Imagens de Vilas e cidades do Brasil Colonial’ e do acervo do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural, tendo também como fontes os Relatórios da Intendência e do Governo do Estado. Como síntese, foram produzidos mapas temáticos com a representação da “Belém da Saúde”, aos quais se juntou discussão acerca das razões que provocaram a referida mobilidade.

## **2. A CIDADE DE BELÉM E AS EPIDEMIAS**

Foram encontrados vários registros de instituições das quais já se tinha conhecimento da existência como: Hospital Real, Hospital do Senhor Bom Jesus dos Pobres, Santa Casa de Misericórdia do Pará, Hospital da Ordem Terceira de São Francisco, Hospital dos Lázaros e Hospício de Alienados do Tucunduba, Hospício de Alienados do Marco da Légua, Hospital de Isolamento e Hospital Dom Luiz I da Beneficente Portuguesa.

Através de jornais do século XIX já se pode observar a preocupação com a saúde física e mental dos habitantes da Belém do Grão Pará, ainda província nesse período. São muitos os relatos e questionamentos de hábitos, preocupação com a higiene e novos tratamentos para determinadas doenças frequentes na época, inclusive discutindo e apontando responsáveis pelo zelo da população e investimentos nesse setor. (A VOZ DO CAIXEIRO, 6 abr. 1890, p: 1-2)

Durante quatro anos, de 1835 a 1839, os paraenses sofreram com a rebelião cabana, e após essa revolta popular continuaram sofrendo com a repressão dos vitoriosos ligados ao Império. A população do Grão Pará ainda sofria as consequências da revolta, quando foi assolada pela febre amarela em 1850. O resultado foi uma depopulação entre os anos de 40 à 50, provocada pelas disputas cabanas, mortes em razão da febre amarela e mais tarde, em 1855, quando chega a cólera, somando-se às demais *causas mortis* na Província (BELTRÃO, 2004).

As epidemias tiveram como principais vítimas os pobres, devido às péssimas condições em que viviam e porque, segundo relatos, com a notícia das doenças, os ricos começaram a partir, deixando a província devido ao medo imposto pela mortalidade. (BELTRÃO, 2004)

Beltrão descreve os pobres do Grão-Pará através de informações recolhidas de relatórios de presidentes da província e de periódicos daquela época:

Quem eram os pobres do Grão-Pará? Eram gentes etnicamente diversas que enfrentavam, no dia-a-dia, situações marcadas pela desigualdade social. (...) Os mestiços, quando livres possuíam, se muito, um casebre com paredes emboçadas e coberto de folhas de palmeiras, localizado nas estradas que conduziam aos arredores suburbanos. Seus casebres eram escuros e pouco arejados. Próximo aos casebres encontravam-se galinheiros e pocilgas que estavam sempre na mira da fiscalização por conta da insalubridade e dos supostos miasmas emanados dos charcos. (BELTRÃO, 2004, p: 130)

Mesmo com a escassez de recursos e a ausência de médicos, principalmente nos interiores, a população não era desassistida, pois existiam outras opções de tratamento. Havia uma competição entre os profissionais dedicados aos cuidados da saúde, pois cada um tentava fazer valer seus conhecimentos na arte de curar. Apesar de que, a medicina oficial se rendia às práticas populares, que se mostravam eficazes muitas vezes no tratamento de doenças epidêmicas como a cólera (BELTRÃO, 2004).

Tem-se conhecimento de diversos tratamentos a que recorriam na falta de recursos da medicina, como o uso de sanguessugas solicitadas em jornais a “fornecedores” para os Hospitais e tratamentos homeopáticos (TREZE DE MAIO, 7 jun. 1851, p: 4). Durante a epidemia de cólera, em 1855, a grande polêmica entre os doutores dedicados a descobrir o melhor tratamento para a moléstia era a utilização de sangrias. Não se sabe se os opositores eram contra pelo fato de ser uma prática utilizada pelos profissionais de saúde popular, no entanto, alguns alopatas não se declaravam contra a sangria quando praticada por médicos. (BELTRÃO, 2004)

A solução encontrada pelo Dr. Silva Castro para o tratamento dessa epidemia foi escrever Boletins em que apresentava o histórico do combate à enfermidade, demonstrando a utilização dos sistemas de tratamento em outros locais onde a doença ocorreu. O Boletim foi copiado em grande quantidade e publicado por várias tipografias da capital e do interior e onde não havia tipografias era copiado à mão e distribuído de forma que todos tivessem acesso. Esse pequeno artigo foi importante, principalmente onde não havia médicos, já que orientava o povo sobre o modo e meios de curar o mal da cólera. Em pouco tempo o boletim tornou-se o Guia Médico mais utilizado no Pará. (BELTRÃO, 2004)

Uma parte da população apresentou sinais de rebeldia, pois sofria muitas lesões devido às lacentas, ventosas e sanguessugas utilizadas no tratamento da cólera, o que aumentava as complicações e dificultava a recuperação. (BELTRÃO, 2004)

Nesses períodos de epidemias, o número de indigência era muito elevado devido à pobreza, que representava um terço da população do Pará. Esses indigentes ficavam, portanto, na dependência de compaixão e caridade de pessoas que saíam de casa em casa pedindo ajuda

para os necessitados, e também de médicos que se propunham a visitar e medicar os enfermos da capital e do interior, gratuitamente. (O VELHO BRADO DO AMAZONAS, 11 de jul. 1851, p: 1-3)

Por esse motivo, surgiram as irmandades, beneficências e misericórdias, instituições lusas de caridade, responsáveis por grande parte da História da Saúde em Belém, em especial a Santa Casa de Misericórdia do Pará (SCMP) e a Irmandade Beneficência.

### 3. A ATUAÇÃO DA SANTA CASA NO TRATAMENTO A SAÚDE

A Santa Casa do Pará surgiu inicialmente em 1650, às proximidades de onde hoje se localiza a loja *Paris n'América*, era um pequeno edifício de taipa com uma igrejinha ao lado.

Quando chegou à província em 1783, D. Frei Caetano Brandão (1740-1806) buscou arrecadar dinheiro para a construção de um novo hospital já que existia “apenas o pequeno e insuficiente hospital da Santa Casa de Misericórdia” (VIANNA, 1992, p: 56). Em 25 de julho de 1787, foi inaugurado o Hospital Senhor Bom Jesus dos Pobres, conhecimento popularmente como Hospital da Caridade. Localizava-se no antigo Largo da Sé, onde hoje temos um chafariz, ao lado da chamada *Casa das Onze Janelas*, que outrora fora Hospital Real. É considerado o primeiro nosocômio em alvenaria do Pará (Figura 1).

Figura 1: Hospital do Senhor Bom Jesus dos Pobres.



Fonte: VIANNA, 1992. p: 80-81.

No ano de 1807, a SCMP instalou-se no prédio sede do Hospital da Caridade, onde ficou até 1900, quando foi inaugurado o atual, situado na Rua Oliveira Belo, no bairro do Umarizal. (BELTRÃO *et al*, 2011). (Figura 2)

Figura 2: Santa Casa de Misericórdia do Pará.



Foto: Laura Costa, 2013

Devido às grandes epidemias da época, as instituições destinadas ao cuidado dessas moléstias eram implantadas em lugares mais afastados da cidade, (assim como manicômios e presídios) algumas em fazendas administradas pela Mesa da Santa Casa da Misericórdia.

Fundou e administrou até o início do século XX, o Hospital dos Lázaros do Tucunduba, também chamado de leprosário, inaugurado em 1815 e transformado em abrigo de hansenianos, onde anteriormente existiu uma olaria pertencente aos religiosos mercedários, na Rua Barão de Igarapé Miri, nas proximidades da Passagem Alegre até as margens do Tucunduba, atual bairro do Guamá. O lazareto funcionou até 1938 (Figura 3).

Figura 3: Portão de entrada do Lazareto do Tucunduba.

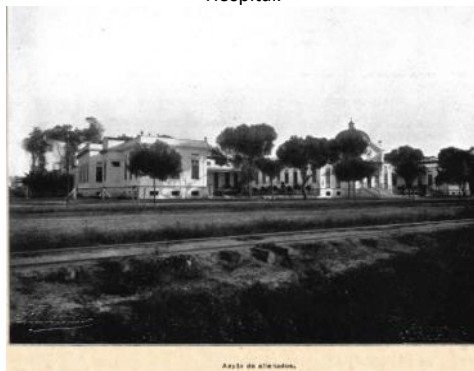


Fonte: Acervo Fundação Getúlio Vargas

Ainda no pequeno prédio do Hospital Bom Jesus dos Pobres começaram-se as tentativas de atender aos doentes mentais. Entretanto, pelo comportamento violento de alguns e o grande número de alienados, as autoridades foram obrigadas a confinar esses doentes no Tucunduba, onde as condições de higiene, tratamento e instalações eram precárias. O Hospício de Alienados do Tucunduba funcionou próximo ao lazareto no período de 1873 a 1901, quando foi desativado.

No século XIX começou a haver interesse por parte dos republicanos na melhoria da salubridade pública de Belém. Foi então autorizada a aquisição do terreno para construção do “Hospício de Alienados” também com a administração da SCMP que optou pelo terreno no bairro do Marco da légua em 1892. O local escolhido, próximo ao Bosque municipal, era considerado distante do centro da cidade e utilizado como área para veraneio. Apenas em 1937 foi denominado Hospital Juliano Moreira, sendo demolido em 1989. (BELTRÃO *et al*, 2011). (Figura 4)

Figura 4: Vista do Hospital Juliano Moreira, observe-se os trilhos da Estrada de Ferro de Bragança que passava em frente ao Hospital.



Fonte: BELÉM, 1902.s.p.

Anos depois a SCMP administrou também o Hospital de Isolamento, conhecido como Hospital Domingos Freire a partir de 1905, construído para abrigar os doentes infectocontagiosos, situado na Rua Barão de Mamoré com a Travessa dos Mundurucus, local onde hoje se encontra o Hospital Universitário João de Barros Barreto (BELTRÃO *et al*, 2011). (Figura 5)

Figura 5: Fachada do Hospital Domingos Freire.



Fonte: Acervo Fundação Getúlio Vargas.

#### 4. INSTITUIÇÕES DA SAÚDE NA CIDADE COLONIAL E IMPERIAL

O local escolhido para a fundação de Santa Maria de Belém do Grão Pará possuía as características para o desenho de uma cidade-fortaleza, pois o sítio era uma faixa de terra cercada de um lado pelo rio e pelo outro lado por um grande pântano, chamado de Piry. O Forte do Presépio foi o ponto inicial para o desenvolvimento da cidade de Belém. Descendo ao Norte do alagado, posteriormente foi construído o Convento de São Boaventura e depois o Arsenal da Marinha. (CRUZ, 1973, p:39)

Sobre o ano de 1650 afirma-se:

Já estavam abertas as primeiras ruas, todas paralelas ao rio. Os caminhos transversais conduziam ao interior do núcleo. (...) Os primeiros moradores da parte Sul foram os religiosos Capuchos da Província de Santo Antonio, que construíram à margem do chamado Paraná-Gua , o Hospício do Una. (CRUZ, 1973, p: 39-40)

Inicialmente se acreditou que a ocupa o Lusitana teria ocorrido de forma espontânea e improvisada, entretanto, estudos comprovavam um planejamento urbano e militar observado desde a escolha do terreno ao traçado das vias e a disposi o das edifica es. Contudo, o terreno escolhido dificultou o povoamento já que o alagado tornava a expansão inviável; por esse motivo, até meados do século XVIII o aspecto urbano pouco se modificou e os limites pouco se dilataram seja em largura ou profundidade. O primeiro traçado urbano de Belém possivelmente foi orientado pelo desenho do Engenheiro Frias de Mesquita e executado pelo Conquistador Francisco Caldeira Castelo Branco. (GUIMARÃES, 2006)

Segundo o professor Paulo Eleutério Senior, em 1929 em uma conferência no Instituto Histórico e Geográfico do Pará, a Santa Casa de Misericórdia, como a primeira institui o de saúde do Pará, teria surgido três anos após a funda o da cidade, sendo assim no ano de 1619, o que abriu margem para alguns debates a respeito. No entanto, por falta de documentos que esclareçam definitivamente a data de funda o da Institui o, aceita-se a informa o de Baena (1838) e Arthur Vianna (1902) de que a funda o data de 1650, próximo ao Convento

dos Mercedários (Figura 6). (CRUZ, 1973).

Neste período não existiam médicos na cidade, os enfermos eram atendidos pelos jesuítas que se utilizavam de práticas como sangrias e aplicações térmicas. Segundo notícias, somente em 1733 chegou o primeiro médico em Belém, o Dr. Antonio Caldeira Sardo Vila Lobos e os médicos que vieram a seguir só chegaram por volta da segunda metade do século XVIII. (CRUZ, 1973)

A “Planta Geométrica da Cidade de Belém do Gram Pará” foi tirada por ordem de S. Exc. o Sr. Don Francisco Xavier Mendonça Furtado Capitão General e Governador do mesmo Estado no ano de 1753. Este exemplar é parte do Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e apesar de não ser assinada, acredita-se ter sido também de autoria dos engenheiros militares que vieram para a demarcação das Américas Portuguesa e Espanhola (Figura 6).

Figura 6: “Planta Geométrica da cidade de Belém do Gram Pará”, 1753.



Fonte: Original Manuscrito da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro *apud* REIS FILHO; BUENO; BRUNA, 2000.

- Provável localização de onde inicialmente surgiu a Santa Casa de Misericórdia do Pará em 1650. (às proximidades da atual Paris N'América).
- Localização da Enfermaria dos franciscanos a partir de 1626.

A imagem a seguir apresenta a localização, na própria legenda, de duas outras instituições: Hospício de São Boaventura e Hospício de São José, além do Hospital Real e Hospital da Caridade (Figura 7).



Figura 7: Planta da Cidade do Pará, 1751.



Fonte: IHGB apud REIS FILHO; BUENO; BRUNA, 2000.

- Localização de onde inicialmente surgiu a Santa Casa de Misericórdia do Pará.
- Localização do Hospital Real, a partir 1769, atual “Casa das 11 janelas”.
- Localização do Hospital da Caridade.
- Localização do Hospício de São Boaventura.
- Localização do Hospício de São José.
- Localização da Enfermaria dos franciscanos.

Na segunda metade do século XVIII, as atividades em desenvolvimento eram principalmente a cultura do cacau, café, arroz e algodão, inclusive em nível de exportação. Quanto à borracha, já aparecia entre os produtos comercializáveis, porém ainda sem grandes destaques, já que somente ao longo da primeira metade do século XIX houve a necessidade deste produto no mercado devido ao aperfeiçoamento técnico desenvolvido por Machintosh (1823) e Goodyear (1839).

Almeida Pinto considera como primeira epidemia de varíola, no Pará, a que se estendeu de 1721 a 1733, sacrificando milhares de vidas. No entanto, há notícias de uma epidemia que teria ocorrido anteriormente, em 1695, pelos fins de agosto daquele ano, com a vinda de um navio que trazia índios ao Grão-Pará e Maranhão, inclusive com a construção de um hospital de bexigosos feita às pressas para abrigar os acometidos pela doença. (CRUZ, 1973, p: 168; 219)

É de se esperar que no período das grandes epidemias, de varíola, febre amarela e de cólera, também a economia da cidade tenha entrado em profunda crise já que os mais atingidos eram geralmente os índios e pobres que trabalhavam nos Engenhos e Fazendas para abastecer o comércio local.

No próximo mapa, de autoria de Theodósio Constantino Chermont, já é possível notar essa expansão e a localização das três principais instituições existentes nesse período. Esse mapa foi considerado por Meira Filho como o mais precioso levantamento da cidade de Belém no século XVIII devido à minúcia com que retratou o espaço urbano (Figura 8).

O engenheiro Chermont faz detalhamentos muito significativos a respeito das edificações dessa época, pois fornece informações valiosas a respeito dos tipos de habitações encontradas e sobre os materiais com os quais foram construídas. Assim descreveu os prédios de Belém:

Os edifícios lavados de carmim forte são de pedra e cal; os edifícios lavados de carmim amarelo, são de madeira, terra, pedra e cal; os edifícios lavados de amarelo e sombreados carmim, são de madeira e terra, as obras lavadas de amarelo são puramente de madeira; os corpos ponteados são de novo projetados. (CHERMONT *apud* GUIMARÃES, 2006, p: 44)

Figura 8: Planta Geral da Cidade do Pará, 1791.



Fonte: IHGB *apud* REIS FILHO; BUENO; BRUNA, 2000.

- Hospital Geral.
- Santa Casa de Misericórdia.
- Provável localização do Hospital Bom Jesus dos Pobres, no largo da Sé, a partir de 1787.
- Localização da Enfermaria dos franciscanos.

Em 1803 D. Marcos de Noronha e Brito o Conde dos Arcos, vigésimo sexto governador e capitão general do Grão-Pará e Rio Negro, empreenderia uma reforma da cidade iniciando o aterramento do alagado do Piri. A obra começou no início do século XIX e se arrastou por mais de um século. Esse acontecimento é de grande relevância já que o crescimento urbano de Belém deve-se, sobretudo, a drenagem do alagado do Piri, o que impulsionou mudanças no espaço urbano alterando a estrutura da cidade. Interligando por via terrestre as freguesias da Campina e da Sé, resultou na ampliação das fronteiras urbanas e vias de circulação da cidade, criando novas áreas de habitação com a construção de rocinhas, uma espécie de casa de campo que se edificaram nos arredores de Belém, e permitiu que novos bairros fossem sendo incorporados mais tarde à área de expansão da cidade, como Batista Campos, Jurunas, Condor, Cremação e Guamá.

A drenagem do Piri, vista por muitos como uma medida urbanizadora, também refletia uma preocupação com relação à higienização da cidade e o perigo de doenças, pelo fato de ser o pântano um gerador de insetos e em meio às grandes epidemias esses problemas se agravavam. (GUIMARÃES, 2006)

Guimarães enfatiza que a legislação urbanística não é própria do século XIX, mas já era implementada desde os tempos coloniais. Em Belém, tem-se a criação das Décimas dos Prédios Urbanos em 1808 e particularmente o Código de Posturas, adotado entre 1829 e 1831. No final do século XIX foram criadas leis que fortaleceram o Código de Posturas dando ao Estado possibilidades legais para interferir na fisionomia urbana da cidade, amparada pelos princípios estéticos e higiênicos (GUIMARÃES, 2006).

Embora tivesse limites para aplicar essa política de disciplinar o espaço público, constituía uma preocupação das autoridades locais e se materializava em apoio que era dado pelo governo às casas assistenciais como o Hospital do Tucunduba que serviu de abrigos a lazarentos. Apontava o presidente da província João Antonio de Miranda em 1840:

Um dos meus antecessores fez a compra da Fazenda Pinheiro (atual distrito de Icoaraci) com intuito de nela edificar um Hospital com proporções devidas, não só para receber os trinta indivíduos que se acham em Tucunduba (no atual bairro do Guamá), mas, ainda acolher um maior número de desgraçados, que nesta cidade, e em alguns pontos da província se comunicam, a respeito dos quais se não tem da parte do governo expedido as mais positivas providências por falta de uma casa de socorro. O Hospital do Tucunduba fundado em um retiro, onde faltam os devidos cômodos, oferece a desvantagem das relações desses indivíduos com os habitantes da cidade, onde eles freqüentemente aparecem com o auxílio da noite, e mesmo de dia sendo encontrado a percorrer a estrada de Nazareth. (*apud* GUIMARÃES, 2006, p: 71).

A maior preocupação do governo em favorecer e dar assistência à construção do lazareto é principalmente de zelar pela cidade, para evitar que essas pessoas ficassem a perambular pelo centro da capital, especialmente à noite.

Já no final do século XIX, com a imigração intensa devido ao Ciclo da Borracha, a cidade foi se expandindo. Surgiram outros bairros como Nazaré e Umarizal. Junto a essas transformações novos significados foram atribuídos à nova forma de vida: a Cidade Velha, com suas ruas estreitas, até então a preferida pela elite para fixar moradia, passou a ser vista como um lugar insalubre e seus moradores mais antigos começaram a se mudar para ruas e avenidas mais largas e bairros como o de Nazaré, onde anteriormente se localizavam as rocinhas. No entanto, é importante frisar que a freguesia de Nazaré, assim como as demais áreas da cidade, era composta de uma heterogeneidade social, até que vieram no governo do Intendente Lemos as tentativas de afastar os pobres do centro.

A Campina, o “segundo bairro de Cidade” era onde se concentrava um bom número de lojas e outros tipos de comércio, mas também se encontrava ali casas particulares, cortiços, hotéis, estâncias, colégios e etc.

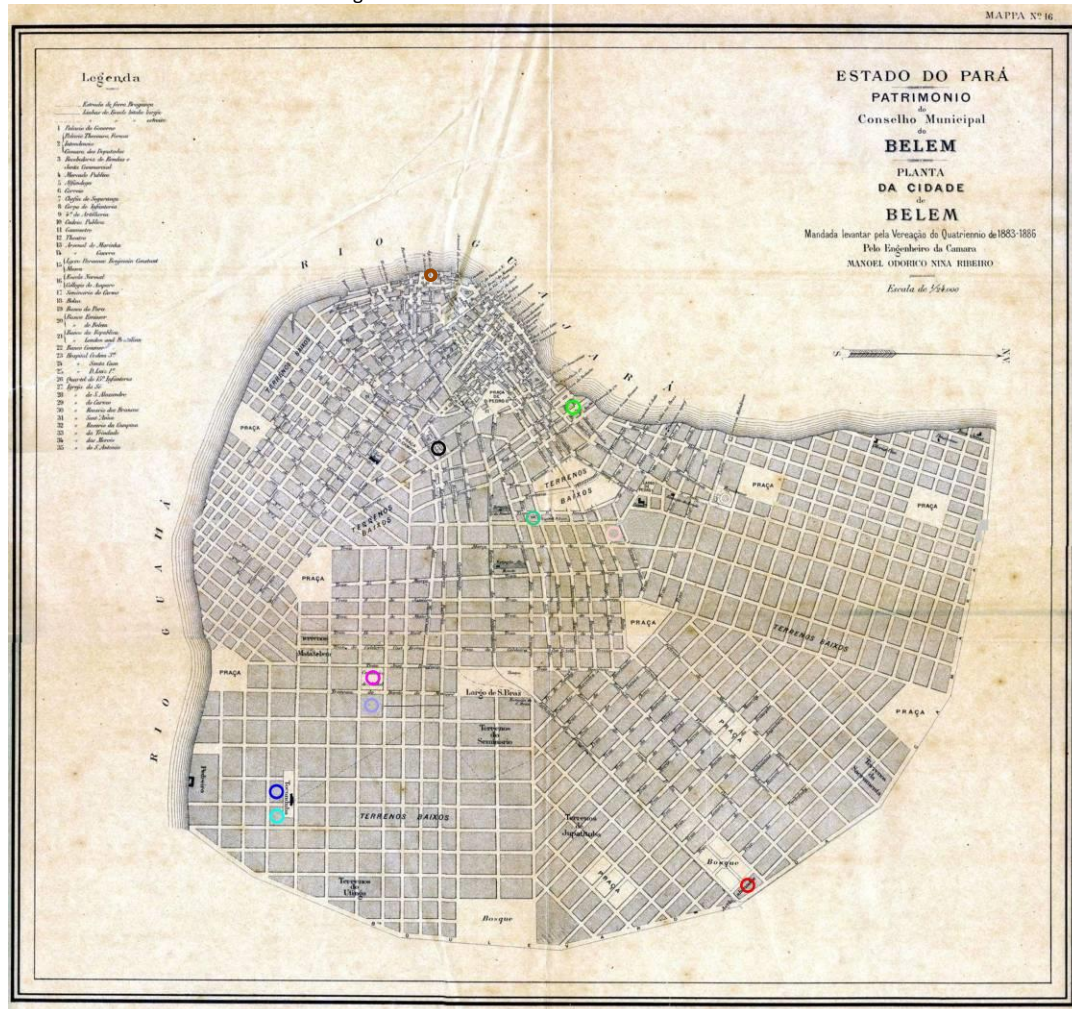
Também houve mudança em serviços como na iluminação pública quando passou de azeite e petróleo para gás carbônico, daí para o querosene e no final da década de 1890 passou a ser utilizada a energia elétrica inicialmente com o serviço da Companhia Urbana de Estrada de Ferro Paraense, que depois foi substituída pelas americanas *The Pará Electric Company* e *The Pará Gaz Company* e assim a eletricidade passou a abranger ruas e casas particulares. Entretanto as reclamações a respeito da iluminação eram constantes tanto quanto pelo transporte e abastecimento de água: as lâmpadas incandescentes não eram suficientes, o transporte até o século XX era realizado em geral por tração animal, bondes em condições precárias e havia dificuldade no fornecimento de água. (CANCELA, 2008)

Até aproximadamente a década de 20 a cidade foi palco de atração econômica e populacional pelos vários fatores que impulsionaram a dinâmica econômica: por conta da exportação do cacau desde os fins do século XVIII até a primeira década do século XIX, mais tarde pela mudança da Corte para o Brasil elevando a Corte à condição de Reino de Portugal, provocando a abertura dos portos e assim como outras capitais, Belém passou a intensificar as suas relações com o mercado estrangeiro.

O Mapa elaborado pelo Engenheiro Manoel Odorico Nina Ribeiro entre os anos de 1883-1886 nos permite identificar instituições do Núcleo pioneiro como o Hospital da Ordem Terceira, bem como os Hospícios de Alienados do Tucunduba e do Marco, bem como o Hospital

Domingos Freire e o Cemitério Santa Isabel. O Hospital D. Luiz I também consta na legenda original do Mapa (Figura 9).

Figura 9: Planta da Cidade de Belém 1883-1886.



Fonte: MUNIZ, 1904.

- Hospital da Caridade, incorporado a Santa Casa em 1807.
- Hospício dos Alienados a partir 1892, na Av. Tito Franco, atual Av. Almirante Barroso.
- Hospital da Ordem Terceira.
- Hospital Dom Luiz I da Beneficente Portuguesa, em 1877.
- Hospital da Santa Casa de Misericórdia a partir de 1900.
- Cemitério da Soledade.
- Cemitério Santa Isabel a partir de 1874.
- Localização do Hospital Domingos Freire, 1905, atual Hospital Universitário João de Barros Barreto.
- Provável Localização do Hospital dos Lázarus do Tucunduba, a partir de 1815.
- Provável Localização do Hospício dos Alienados do Tucunduba a partir de 1873.

## 5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A MOBILIDADE DAS INSTITUIÇÕES DA SAÚDE

Como pudemos perceber, desde sua fundação até, principalmente, meados do século XIX, a capital da província do Grão-Pará passou por intensas transformações na configuração do espaço urbano em decorrência de fatos que interferiram na forma de morar, na preocupação com a higiene e saúde dos habitantes de Belém nessa época.

Provavelmente três anos após a fundação de Belém, a Santa Casa de Misericórdia começa a prestar serviços ainda sem um edifício próprio e somente em 1650 é inaugurada, de fato, próximo ao largo das Mercês, localizado na Campina. A partir daí, outras instituições de saúde foram surgindo, vinculadas ou não a Santa Casa de Misericórdia, já que mais tarde esta instituição administrou alguns outros estabelecimentos.

Com o aterramento do alagado do Piri houve uma interligação terrestre entre as freguesias, o que possibilitou a ampliação das fronteiras urbanas e assim o surgimento de novos bairros, além do novo hábito da construção de rocinhas, que funcionavam como casas de veraneio. Assim, as áreas mais afastadas começaram a ser ocupadas e bairros como Nazaré tiveram a preferência para moradia de famílias abastadas, que anteriormente ocupavam a Cidade e Campina.

Contemporâneos a primeira sede da Santa Casa foram o Hospital Geral Militar, também conhecido como Hospital Real e o Hospital Bom Jesus dos Pobres Enfermos, conhecido como Hospital da Caridade, ambos localizados no Largo da Sé atendendo, embora com precariedade, as necessidades da população que ali habitava. Iniciou-se, desde o surgimento da capital do Grão-Pará, a formação de um núcleo pioneiro, do qual fazem parte as primeiras instituições que se estabeleceram nos primeiros bairros da cidade.

Verificou-se que a localização destas instituições estava diretamente ligada ao tipo de enfermo que ali se estabeleceria, como é o caso dos asilos e hospícios, dos quais se tinha o interesse de manter o mais longe possível da população e por isso ficavam afastados e isolados do núcleo urbano. Destacam-se o Hospício dos Lázaros do Tucunduba, Hospício dos Alienados (mais tarde foi chamado de Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira), o Hospital de Isolamento conhecido como Hospital Domingos Freire, dentre outros sobre os quais não obtivemos maiores informações como o Hospício de São José e o Hospício de São Boaventura. O Hospício do Una, cujo único conhecimento que se tem é referente à citação de Ernesto Cruz sobre a ocupação da parte Sul da cidade pelos religiosos da Província de Santo Antonio, à margem do Paraná-Guaçu. Por surgirem em áreas ainda não urbanizadas e que mais tarde seriam integradas à cidade, essas instituições mais afastadas do centro fazem parte de um Núcleo que denominou-se 'de Expansão' (Ver BELTRÃO *et al*, 2011).

Outras instituições de saúde nasceram a partir de Beneficências e Irmandades com a intenção de dar assistências aos pobres e indigentes, que eram muitos. O Hospital da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, localizado no bairro da Campina, na atual Rua Frei Gil, em um terreno cedido pelos franciscanos adjacente ao convento de Santo Antonio. E o Hospital Dom Luiz I da Beneficente Portuguesa, cuja primeira sede se estabeleceu em 1854, no Largo das Mercês, na atual Rua 15 de Novembro. Mais de dez anos depois a presidência adquiriu um prédio na Praça da República, onde se inaugurou a enfermaria que ficou conhecida como Asilo Português da Infância Desvalida e que serviu de abrigo para os doentes de febre amarela na epidemia de 1871. Apenas em 1877 o Hospital foi inaugurado no bairro do Umarizal, na atual Avenida Generalíssimo Deodoro. Ambos encontram-se em funcionamento ainda hoje, mas passaram



por processos de reformas para adequação aos novos métodos de tratamento, embora ainda possamos encontrar muitas das características arquitetônicas originais, sendo datados da segunda metade dos oitocentos.

Outros fatores que contribuíram para a configuração urbana com ênfase na saúde e higiene locais foram as várias epidemias de cólera, febre amarela, varíola, que assolaram a capital da província no decorrer desse período. Empreenderam-se então as primeiras medidas saneadoras, como a construção dos cemitérios e a proibição de enterramentos nas igrejas a partir da epidemia de febre amarela, que levou a construção do Cemitério da Soledade, e mais tarde a construção do Cemitério de Santa Isabel para as vítimas da varíola na epidemia de 1874, ambos administrados pela Santa Casa de Misericórdia.

Contudo, a cidade de Belém teve suas características, configuração e o surgimento de novos hábitos principalmente a partir da metade do século XIX. A força de novas atividades econômicas como a borracha e o mercado imobiliário mudou o comportamento e a forma de morar da sociedade. Quando começou a haver uma preocupação com a moradia, principalmente pela valorização das edificações e a modernização dos serviços públicos como iluminação e o sistema de transportes.

Pode-se perceber, junto a esse deslocamento das classes mais elevadas para bairros como Nazaré e o Umarizal, uma relação com a escolha dos terrenos adquiridos pelas beneficências para a construção dos últimos Hospitais desse período que se tem notícia, o Hospital Dom Luiz I da Beneficente Portuguesa, inaugurado em 1877 e o Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará inaugurado em 1900, na atual Rua Oliveira Belo com Avenida Generalíssimo Deodoro, ambas no bairro do Umarizal.

Conclui-se que os fatores que influenciaram na localização e mobilidade das sedes das instituições de saúde foram as epidemias que assolaram a capital durante esse período, os métodos de tratamento utilizados que preconizavam isolamento de doentes em instituições construídas distantes do contexto urbano e as reformulações urbanísticas e mobilidade de grupos sociais, principalmente a partir da metade do século XIX, com as mudanças de comportamento reflexo do surgimento de uma nova economia no Estado. Encerra-se aí um ciclo de mobilidade desses estabelecimentos que contam a história da cidade de Belém.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto contribuiu para o conhecimento sobre a História da arquitetura das edificações de saúde no Norte do Brasil, e para o entendimento das relações entre instituições de caridade, salubridade e a expansão urbana da capital paraense. Através da consolidação de um grupo de pesquisadores em áreas diversas (Arquitetura, Antropologia, História, História da Arte) pertencentes a distintas instituições no país e no exterior, a pesquisa em questão contribui decisivamente com os estudos que abrangem a compreensão do patrimônio material da saúde, em suas vertentes transdisciplinares e avança para desvendar vertentes da produção arquitetônica paraense ainda não exploradas, como a do classicismo da segunda metade do século XIX. Também inscreve-se na valorização da memória da arquitetura paraense, proporcionando através dos itinerários e da reconstituição de uma das instituições desaparecidas o acesso ao público em geral a imagens volumétricas de fácil apreensão.



O conhecimento acerca da importância histórica, estética e memorial das edificações hospitalares conduz a atribuição de valor segundo Riegl pelo valor histórico e de antiguidade. Assim, as atividades desenvolvidas e divulgadas por meio eletrônico permitem a ativação da Memória coletiva.

A busca por fontes das matrizes lusitanas da presença das Misericórdias nas colônias permitiu aprofundar esta relação de reforço do vínculo metropolitano, que teve seus desdobramentos no século XIX com a criação da Sociedade Beneficente Portuguesa, inicialmente destinada ao suporte dos patrícios, e depois incorporando a população paraense em geral. Da análise da arquitetura de seus hospitais foi possível vislumbrar desdobramentos para o entendimento dos modelos classicistas da segunda metade do século XIX entre Brasil e Portugal, com financiamento dos brasileiros de torna-viagem.

A discussão sobre a preservação dos arcabouços físicos que abrigam estas instituições é um debate atual em Lisboa, cujos exemplares da Colina de Sant'Ana estão ameaçados de destruição, face a desativação de suas funcionalidades. Em Belém, as crescentes demandas por internação de pacientes motiva a desfiguração das estruturas do Hospital da Santa Casa de Misericórdia e do Hospital D. Luis I. Como resposta, propôs-se o tombamento do Conjunto arquitetônico da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, datado de 30 de setembro de 2013, inscrito sob o número de Processo 2013/465219 (DPHAC/SECULT).

O projeto teve como produto final uma apresentação no formato *Shockwave flash object* (swf) destinada ao público em geral, apresentando os "Itinerários da saúde na Belém colonial e imperial" que contempla a trajetória das mais importantes instituições de saúde na cidade de Belém, disponibilizada no endereço: <http://arquiteturapamemoria.blogspot.com.br/2013/12/itinerarios-da-saude-na-belem-colonial.html>.

## AGRADECIMENTOS

O artigo contou com o apoio do CNPQ via Edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES nº 07/2011 Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

## REFERÊNCIAS

- A VOZ DO CAIXEIRO. Belém, 6 abr. 1890
- BELÉM, Intendência Municipal. *Álbum de Belém*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém pelo Intendente Senador Antonio Lemos. Paris: Philippe Renouard, 1902.
- BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera: o flagelo da Belém do Grão Pará*. Editora Universitária – UFPA, Belém, 2004.
- BELTRÃO, Jane Felipe et al. *Inventário Nacional do Patrimônio Cultural da Saúde: Bens Edificados e Acervos - Patrimônio de/em Saúde em Belém-Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. CD-ROM. 2011. Relatório.
- CANCELA, Cristina Donza. Uma cidade... muitas cidades: Belém na economia da borracha in BELTRÃO, Jane Felipe; VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano (orgs.). *Conheça Belém, Co-memore o Pará*. Editora Universitária – UFPA, Belém, 2008.
- CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973. (Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, v. 1)
- GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. *As Casas & as Coisas: um estudo sobre Vida material e domesticidade nas moradias de Belém – 1800-1850*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém. 2006.



MUNIZ, J. de Palma. Patrimônio dos Conselhos Municipais do Estado do Pará. Paris- Lisboa: Aillaud & Cia, 1904.

O VELHO BRADO DO AMAZONAS. Belém, 11 jul. 1851.

REIS FILHO, Nestor Goulart; BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira; BRUNA, Paulo Julio Valentino. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Fundação para a Pesquisa Ambiental, 2000. CD-ROM.

TREZE DE MAIO. Belém, 7 jun. 1851.

VIANNA, Arthur. *A Santa Casa da Misericórdia paraense, notícia histórica (1650-1902)*. 2ª edição. Belém: SECULT, 1992 [1902].